

MAYA

Autora bestseller do New York Times e do USA Today

BANKS

«Mal posso
esperar pela
próxima
"viagem" com
a Maya Banks!»

USA Today

Salva-me

O que pode acontecer quando
o desejo põe em risco a luta pela própria vida?

TOP
SEL
LER

Um

Gavin Rochester erguia-se à porta da sua enorme sala de estar, observando enquanto a sua esposa examinava cuidadosamente um ornamento de Natal antes de o recolocar, em silêncio, na caixa e guardando-o de novo no caixote de plástico que usavam para armazenar as decorações da época.

A tristeza dela apertava-lhe o coração de tal maneira que o obrigava a esfregar fisicamente o peito, num esforço para aliviar a dor. Mas há feridas que são demasiado profundas. Permanentes e impossíveis de sarar. E a dor dela era-lhe insuportável porque não era algo que ele conseguisse resolver. As suas ligações, o seu dinheiro, o seu poder. Nada disso tinha qualquer significado, se não podia dar à sua amada aquilo que esta mais desejava. Sentia a dor dela com a mesma intensidade, como se fosse dele — e *era*. Porque ele não suportava vê-la infeliz. Moveria montanhas só para a fazer sorrir.

Ela mudara-o. Fizera dele um homem melhor. Um homem que nunca acreditara que poderia ser — que nunca quisera ser. Mas ela mudara tudo — o seu mundo — o seu lugar no seu mundo. De repente, ele *queria* ser um homem melhor. Por *ela*. Porque era o que ela merecia. Jamais a colocaria em perigo devido às suas práticas no mundo nos negócios. Tratava-se de uma experiência nova para ele. Viver às claras. Na luz. Ter alguém que o levava a *querer* sentir-se... merecedor.

Nesse momento, ela afastou os olhos da sua triste análise do ornamento solitário e, quando o viu, o seu rosto iluminou-se, rosado das brilhantes luzes de Natal penduradas em redor da árvore. Sentiu-se

maravilhado com o facto de, sempre que ela sorria, se sentir sem fôlego. Era algo que jamais desapareceria. O seu amor pela esposa era algo que nunca sentira na vida. *Assombroso*. No entanto, quente, como as chamas de uma lareira. Inquebrantável. Sem reservas, complicações ou condições.

Ela *amava-o*, e esse conhecimento continuava a ter o poder de o fazer cair de joelhos.

— É o último — disse ela, com o olhar deslizando uma última vez para o único ornamento que não fora pendurado na árvore. Por breves instantes, a tristeza escorraçou o calor dos seus olhos antes do que lhe pareceu um esforço concentrado para se recompor, e então a dor que lhe enchia as feições desapareceu, mas ele vira-a. Sabia que estava lá, independentemente do esforço que ela fizesse para não a mostrar.

Ele atravessou a sala, incapaz de continuar suportar a distância entre eles. Puxou-a para os seus braços, deslizou os dedos pelos seus cabelos longos e encostou o nariz ao topo da sua cabeça, inalando o seu cheiro, enquanto pressionava os lábios contra as brilhantes madeixas castanhas.

— Voltaremos a tentar — murmurou, tentando injetar confiança e tranquilidade no seu tom. E, no entanto, falhara miseravelmente. Soava tão deprimido quanto sabia que ela estava. Não que ela lhe tivesse falhado. Poderia viver toda a sua vida apenas com ela e nunca sentir o mais pequeno arrependimento. Fora ele quem falhara com *ela*. Era incapaz de lhe dar o filho que sabia que desejava com todo o seu ser.

Ela queria que tivessem uma família. Amor, risos, que enchessem a casa com o calor que ele nunca sentira antes dela. Ela sabia tudo isso, sabia como tinha sido a vida dele e estava determinada a mudá-la. A dar-lhe um lar. Não apenas uma casa. Um lar com uma família e o seu amor incondicional. Ele não tinha qualquer defesa contra ela. O seu amor desafiava fronteiras ou parâmetros. Sabia que nunca amaria outro ser como amava aquela mulher.

Ela abanou a cabeça contra o peito dele, e ele afastou-a cuidadosamente, dilacerado pelo brilho das lágrimas nos seus brilhantes olhos castanhos. Mesmo triste, ela era, para ele, a mulher mais bela do mundo. Nem conseguia *recordar* a sua vida antes dela.

Segurava nos braços aquela que era para ele a coisa mais preciosa do mundo e era incapaz de lhe dar o que ela mais queria. Um filho.

— Basta, Gavin — disse ela, a garganta movendo-se para cima e para baixo, como se as palavras fossem dolorosas de pronunciar. — Não vou conseguir suportar outra perda. Não *consigo* continuar.

O desespero absoluto na voz da sua querida esposa era mais do que conseguia suportar. Estava precariamente próximo de perder o controlo sobre as suas próprias emoções. Apenas a sua promessa de ser uma rocha inamovível para a sua esposa o mantinha em sentido.

Ela precisava da sua força. Não da sua fraqueza. E o pior é que ele tinha apenas uma fraqueza na sua vida.

Ginger. A sua esposa, a sua amante, a sua alma gémea.

Em tempos, ter-se-ia rido da ideia de destino e de almas gémeas. O professor da sua aula de Gestão e Desenvolvimento de Recursos Humanos tinha dito, certa vez, que o conceito de existir apenas uma pessoa no mundo para nós era absolutamente falso. Que era possível uma pessoa apaixonar-se — e amar — muitas pessoas diferentes ao longo da vida.

Ele acreditara nisso mesmo mas, certo dia, uma lindíssima mulher de cabelo cor de avelã, olhos castanhos e adoravelmente tímida entrou na sua vida e a sua existência mudou irrevogavelmente. Soubera, desde a primeira vez em que ela aceitara timidamente um convite para jantar, que estava de tal maneira perdido que não lhe restava qualquer esperança de reencontrar o seu caminho. Também não era algo que *quisesse*.

Gavin era um homem decidido, capaz de lidar com qualquer coisa que se atravessasse no seu caminho. Tinha tudo, ou pelo menos era isso que as mulheres gostavam de lhe dizer.

Elegante, carismático, moreno, meditativo e rico.

Não era nenhum tolo ingénuo. Aquela última característica era a mais atrativa. As mulheres com quem estivera provavelmente não tinham visto mais nada além do rótulo vincadamente gravado na sua testa.

Milionário.

Ironicamente, a primeira vez que vira Ginger, tinha saído com outra mulher. Na verdade, tinha planeado toda a sua noite. Um bom jantar,

uma atmosfera íntima, namorar um pouco com a sua convidada, cujo nome lhe escapava agora por completo, e, depois, ir até casa dela, onde teriam relações antes de regressar ao seu próprio apartamento.

Ninguém entrava em sua casa ou invadia o seu santuário privado. O sexo decorria sempre em casa da fulana ou num hotel e ele partia, sempre, em seguida. Para algumas mulheres isso fazia dele um sacana frio, mas dificilmente poderia ser considerado hipócrita o suficiente para se entregar a carinhos pós-coitais quando deixara bem claro que não existiria qualquer envolvimento emocional.

Fora levar a fulana a casa mas não ficara, para grande decepção desta. A sua mente ficara demasiado ocupada com a empregada doce e sorridente, de grandes olhos castanhos, que corara quando ele a fitara durante demasiado tempo.

Por norma, não tinha tão maus modos nem tanta falta de elegância social, mas sentira-se cativado por ela a partir do momento em que pousara nela os olhos, por isso, na noite seguinte, regressara ao restaurante. Sozinho. Tratara de ficar sentado nas mesas da sua secção e tornara-se no mais exigente dos clientes, solicitando a sua atenção a intervalos de poucos minutos com uma qualquer necessidade inventada.

Decorreram três semanas agonizantemente longas antes de ser capaz de a convencer a jantar consigo. Três semanas de celibato autoinfligido porque ele sabia que aquela seria a última mulher na sua cama, para sempre, pelo que não se importara com a espera.

Foram necessários mais seis meses de encontros antes que levasse as coisas mais longe do que a troca de escaldantes beijos de boas noites e do que sentir o calor do corpo esguio dela contra si enquanto a abraçava.

Tinham sido os melhores seis meses da sua vida.

Na noite em que, por fim, a levara para a cama e, com enorme doçura, a tornara sua, pedira-a em casamento e ela cobrira-o de lágrimas.

Precisara de mais três meses, em que tinham, praticamente, vivido juntos para a convencer a aceitar o seu pedido de casamento, mas, uma vez obtida a sua aceitação, perdera toda a paciência. Arrastara-a para a frente de um magistrado à primeira oportunidade e reclamara-a para sempre.

Depois de um ano abençoado, em que a tivera toda para si — e ele era extremamente possessivo e egoísta em relação ao tempo que tinha para passar com ela —, Ginger começou a falar acerca de terem um filho. Ele nunca pensara que poderia ser mais feliz do que já era, mas depois começou a imaginar doces meninas que se pareciam com a mãe e sentira-se determinado a encher a casa com uma dúzia de filhos, se fosse esse o desejo de Ginger.

E foi então que chocaram contra uma parede de betão.

Ela engravidara de imediato, para grande prazer de ambos. No entanto abortara passadas poucas semanas. E assim se iniciara o seu pesadelo de esperança infundável e desespero. A última gota ocorrera quando ela voltara a engravidar no início daquele ano, depois de quatro abortos. Tinha levado a gravidez para além da fase em que as anteriores gravidezes tinham terminado. Tinham começado a sentir-se entusiasmados e florescera a esperança de que por fim, *por fim*, tinham conseguido.

Aos cinco meses de gravidez, depois de terem sabido que iam ter aquilo que ele mais desejava — uma menina — e de terem criado uma ligação com a criança, sentido os seus primeiros movimentos e até começado a decorar o quarto do bebé, algo que nunca se tinham permitido fazer antes, a tragédia atingiu-os e ela perdera o bebé. O pior fora o facto de ela ter tido de dar à luz o bebé, uma menina minúscula e perfeita.

Ginger ficara devastada. Durante meses, tinha estado apática e perdida, e ele nunca se sentira mais impotente em toda a sua vida. Ele amava-a tanto e teria aceitado ficar com toda a dor que pudesse, mas fora infernal para ela, e depois de ter sarado fisicamente, não voltara a falar de terem outro filho.

Mesmo agora, quando ele lhe oferecia aquele suave encorajamento de que voltassem a tentar, ela recusara. Não a podia culpar, mas odiava a ideia de não ser capaz de resolver aquilo. No seu mundo, nada era impossível. O dinheiro, ainda que não fosse uma panaceia, fazia acontecer imensas coisas, mas todo o dinheiro do mundo, todo o poder do mundo, não ajudaria a sua bela esposa a alcançar o desejo mais profundo do seu coração.

Como se sentisse a sombria direção que os seus pensamentos tinham seguido, ela estendeu a mão para a linha rude do seu maxilar, o sorriso dolorosamente doce e os olhos carregados de compreensão.

— És tudo aquilo de que preciso. Tudo o que quero — limitou-se a dizer. — Jura-me que nunca me deixarás por alguém que te possa dar filhos. Jura-mo e nunca te pedirei mais.

Ele ficou verdadeiramente chocado até aos ossos. Fitou-a em total confusão, ficando mais furioso a cada segundo. Não com ela. Mas consigo mesmo. Porque se a fizesse sentir tão segura quanto precisava, jamais lhe faria uma tal pergunta. Um tal pensamento — receio — *jamais* lhe teria invadido a mente.

Tomou nas mãos o belo rosto dela e limitou-se a segurá-lo, fitando o castanho hipnótico dos seus olhos tristes.

— Só me desagrada que não possamos ter filhos porque sei o quanto isso te magoa — disse ele, roucamente. — Faria qualquer coisa para te poupar a isto, Ginger. Lamento tanto ter-te falhado.

Ela levou um dedo aos lábios dele.

— Chiu. Gavin, tu não me falhaste. Deste-me filho atrás de filho. Fui eu quem falhou *contigo*, porque não consigo levar a gravidez a bom porto. O meu corpo rejeita-os.

Os seus olhos fecharam-se quando disse aquelas últimas palavras, e as lágrimas correram-lhe silenciosamente pelas faces.

— Não conseguiria suportar se um dia me viesses a culpar por isso — continuou, com a voz embargada. — Não quero que, um dia, olhes para mim e vejas o que não te consigo dar. Algo que uma outra mulher *conseguiria*.

Ele puxou-a com força para os seus braços, envolvendo-a até ela ter relaxado e se ter derretido contra o seu corpo.

— Nunca haverá outra mulher para mim — disse ele, rispidamente. — Nunca desejarei mais do que aquilo que me podes dar. Juro-te pela minha própria vida, Ginger. O meu coração e a minha alma pertencem-te. És a sua senhora... e a minha. E espero bem que também os teus me pertençam.

— Amo-te — sussurrou ela. — Agora, faz-me um favor e pendura o anjo, assim a nossa árvore estará terminada.

Mas não estava, e ambos o sabiam. Um ornamento simples permanecia guardado numa caixa onde os restantes ornamentos eram armazenados. *Primeiro Natal do Bebê* e o ano estavam gravados na colher para bebê em prata de lei.

Se tudo tivesse corrido como devia, ela iria dar à luz dentro de alguns dias. Um bebê de Natal, exclamara deliciada quando o médico lhes dissera a data prevista. Nesta altura estaria inchada e pesada da gravidez, e ele far-lhe-ia massagens aos pés e tomá-la-ia nos seus braços, enquanto sentia a filha a dar pontapés e a mexer-se entre eles.

Ginger afastou-se e desenrolou delicadamente o plástico com bolhas que envolvia o delicado anjo de porcelana que seria colocado no cimo da árvore. Usando um banquinho de degrau, Gavin esticou-se e colocou cuidadosamente a última decoração no seu lugar.

— Está perfeita — sussurrou, os olhos brilhantes das lágrimas.

Ele beijou-lhe todas as lágrimas e, depois, puxou-a para o seu lado, de modo a poderem fitar a árvore que ela se esforçara tanto para tornar bela. A sua esposa adorava o Natal. A primeira vez que o tinham passado juntos destacar-se-ia na memória de Gavin porque, antes dela, o Natal não passava de um dia como os outros. Um incómodo, na verdade, já que estava quase tudo fechado e as pessoas saíam da cidade ou ficavam incontactáveis.

No entanto, quando Ginger entrou na sua vida, mudara-o para sempre. Rindo, arrancara-o da sua casa de Connecticut para que pudessem partir em busca da maior e mais gloriosa árvore verdadeira que conseguissem encontrar.

Essa fora mais uma mudança trazida por ela. Embora possuísse uma casa grandiosa, com um grande terreno à volta e total privacidade, sempre odiara ficar nela sozinho. Como tal, passava a maior parte do tempo no seu apartamento de Manhattan. Até Ginger.

Agora era raro ficar no seu apartamento e, quando isso sucedia, assegurava-se de que ela também estava presente. Desde a primeira vez em que fizeram amor que ele não passava uma noite longe dela. Ginger transformara a sua casa em Connecticut num... lar. Quente, convidativo, cheio de amor e felicidade.

— Adoro a árvore — disse ele, com sinceridade. — Fizeste um excelente trabalho, tal como fazes todos os anos.

— Será possível que te tenha transformado de Grinch em Pai Natal?
— brincou ela.

Gavin riu.

— O que achas? Não passei um dia inteiro a fazer os possíveis por me matar, enquanto prendia luzes a todas as áreas expostas do exterior da casa, porque odeio o Natal.

— Tu *odeias* o Natal. Mas amas-me a mim — disse ela, atrevida.

Ele riu.

— Estou a ficar melhor. E não odeio nada, desde que estejas presente.

Toda a expressão dela se suavizou e o amor incendiou-lhe os olhos. Ela virou-se, inclinando a cabeça para receber o beijo dele, quando a campainha tocou.

Ambos franziram o sobrolho e Ginger afastou-se, com o olhar deslizando na direção do *foyer*.

Eram quase onze da noite. Quem poderia estar a bater-lhes à porta àquela hora? Já agora, como é que tinham passado pelo portão de segurança sem que disso se tivessem apercebido?

Gavin ficou imediatamente sério.

— Fica aqui quieta. Vou ver quem é.

— Mas... — protestou Ginger.

Ele silenciou-a com um toque no braço e, em seguida, dirigiu-se à mesa que se encontrava ao lado do sofá, retirando a sua pistola da gaveta. Escondeu-a e lançou a Ginger um novo olhar que lhe dizia que ficasse onde estava, avançando em seguida a passos largos em direção à porta.

Franziu o sobrolho quando olhou pela pequena janela na porta, que podia ser aberta por dentro mas tinha grades por fora para impedir que qualquer outra pessoa a abrisse. Não estava lá ninguém, no entanto o sensor de movimento ativara a luz e ainda brilhava sobre a paisagem brilhante e coberta de neve.

Retirando a pistola de onde a escondera, abriu lentamente a porta e fitou a noite calma. O ar frio deslizou sobre ele, o vento assobiou-lhe os ouvidos. A lua cheia lançava o seu brilho sobre a camada branca de neve. Só o som das árvores a abanar e o estalar do gelo dos ramos que se partiam perturbava a serenidade.

Gavin quase tropeçou no objeto aos seus pés. Recuou apressadamente e baixou os olhos, espantando-se ao ver algo que se parecia estranhamente com uma... *alcofa de bebé?*

Caiu imediatamente de joelhos, afastando com cuidado o cobertor que cobria algo dentro da alcofa. Quando o desceu o suficiente para ver o que se encontrava no seu interior, sentiu que o ar lhe escapava num arquejo sobressaltado.

— Gavin, o que foi?

A voz preocupada de Ginger chegou até ele e, antes que lhe pudesse dizer que se mantivesse à distância, o bebé começou a chorar, ainda que se tivesse tratado mais de um gemido de aflição do que de um verdadeiro soluço de choro.

A esposa arquejou e agachou-se ao seu lado, estendendo os braços para o precioso embrulho antes que ele conseguisse pensar em fazer o mesmo.

— Oh, meu Deus, Gavin! Alguém deixou aqui um bebé a *gelar*?

O horror na sua voz era evidente. Ele ainda estava demasiado estupefacto para ordenar os seus pensamentos dispersos.

— Traz a alcofa para dentro — disse Ginger secamente, enquanto içava ainda mais o bebé nos seus braços e se levantava da posição ajoelhada que tinha assumido no alpendre.

Ele seguiu-a para dentro, embora algo lhe dissesse que devia estar no exterior à procura da pessoa que deixara o bebé. Decerto estaria ainda no local. O terreno era bastante grande e seriam precisos vários minutos para sair da sua propriedade, independentemente da direção tomada.

No entanto foi atraído pela imagem da sua esposa erguendo-se junto à lareira, desenrolando o bebé com grandes cuidados e, depois, encostando a sua cabecinha por baixo do queixo, enquanto o embalava num esforço para o confortar no seu choro.

— Há algum bilhete? — perguntou ansiosamente. — Qualquer coisa que explique o que é que estavam a pensar quando fizeram uma coisa tão horrível? É Natal! Não se abandona um bebé com este tempo, no Natal!

A aflição radiava dela em ondas tangíveis. Ele remexeu rapidamente o conteúdo da alcofa e, de facto, um envelope caiu ao chão, junto dos cobertores e de dois animais de peluche esfarrapados.

— Lê-ma — insistiu ela, embora nunca tivesse olhado para ele. O seu olhar estava preso ao bebé que segurava nos braços e, por um instante, Gavin não conseguiu respirar.

Olhava para algo que nunca poderiam ter. A dor era quase insuportável. Ginger fitava o bebé com uma tal ternura e amor, ao mesmo tempo que deslizava a mão pelas costas do bebé num esforço para o acalmar ou para a acalmar. Raios, seria um rapaz ou uma rapariga?

Rasgou o envelope com as mãos a tremer e deslizou rapidamente os olhos pelo bilhete, preparado para poupar a esposa a qualquer coisa que a pudesse magoar. Mas o que leu afetou-o profundamente.

Não posso cuidar da minha bebé. Comigo, estaria sempre em perigo. Precisa de alguém que a possa amar e proteger. Conto convosco para a criarem como se fosse vossa e para nunca permitirem que ninguém saiba as circunstâncias do seu passado. É provável que pensem que sou a pior mãe do mundo por deixar a minha bebé nas mãos de estranhos, mas é porque a amo que a deixo ao vosso cuidado e à vossa guarda, e vos peço que a amem como eu a amaria, e a criem como se fosse vossa. Ela jamais poderá saber da minha existência ou da do seu pai biológico. Jurem-me que guardarão o meu segredo. O meu coração parte-se, mas só a certeza de que poderão cuidar dela como eu não poderei me dá forças para fazer o que é melhor para ela. Foi profundamente amada. Por favor, nunca duvidem disso. Só vos peço que a amem tanto quanto eu e o pai a amamos.

Quando Gavin acabou de ler a carta, a sua mão tremia visivelmente e Ginger deixara-se cair no sofá, apertando o bebé contra o peito, enquanto fitava, incrédula, o marido.

Em seguida correu para se sentar ao lado dela, no sofá, ajudando-a a segurar o pequeno embrulho porque ela tremia tanto quanto ele.

Ginger afastou o cobertor, expondo o rosto do bebé, e Gavin sentiu, de imediato, que o coração lhe fugia. Uma bela menina fitava-o enquanto Ginger deslizava lentamente um dedo pelo rosto macio.

E com a mesma rapidez com que sentira o coração a escapar ao seu controlo, tomou uma decisão. Uma decisão que alteraria para sempre

o curso da sua vida e de Ginger. Uma sensação de calma desceu sobre ele, ao mesmo tempo que a sua mente começava a trabalhar a uma velocidade incrível, calculando rapidamente as suas opções.

— Quero que faças as malas — disse, com a nota de incerteza que o traía desaparecendo da sua voz, substituída por uma determinação implacável. — Vamos sair do país e estaremos fora durante algum tempo.

Os olhos da sua esposa abriram-se muito.

— O que é que vamos fazer, Gavin?

O olhar dele estava firme quando o voltou a fixar nela. Apertou-lhe o joelho com a mão, não querendo afastar a mão dela do bebé.

— Vamos fazer o que nos foi pedido e criá-la como se fosse nossa filha.

Dois

CINCO MESES DEPOIS...

Gavin sempre estivera consciente do que o dinheiro e o poder permitiam alcançar, mas só com Arial, o nome que tinham escolhido para a sua preciosa menina, compreendeu perfeitamente, ou sentiu, que havia um *propósito* para a riqueza que tinha acumulado durante quase toda a sua vida adulta. Como se sempre se tivesse estado a preparar para algo muito importante. Mal aquela menina inocente chegou à sua porta, soube que a sua riqueza iria *finalmente* servir para algo maior.

Tudo se resumia àquilo e ao que tinha sido capaz de oferecer à sua esposa — e agora à sua filha.

Ari era deles. Havia um rasto de documentação que ele criara meticulosamente de modo a documentar a gravidez da esposa e o facto de, depois de tantos abortos, a ter levado para longe e mantido em total isolamento e privacidade para dar à luz a sua filha.

Uma certidão indicando a data do nascimento, o seu nome e o de Ginger como pais, até uma pequena clínica, financiada por ele, onde Ari teria «nascido».

Agora, pela primeira vez, estavam de regresso aos Estados Unidos com a sua filha, com a garantia de que o passado de Ari estava selado. Que tinha posto os pontos em todos os *is*, e que não deixara nada ao acaso. Tudo o que tinham de fazer era retomar as suas vidas, mas, mesmo com a certeza de que o passado de Ari era inquestionável, Gavin não era tolo o suficiente para achar que alguma vez poderia relaxar a sua guarda. As suas vidas alterar-se-iam para sempre, e não sentia qualquer

arrependimento pela mudança no curso dos seus destinos. Ele tinha tudo o que um homem podia almejar — podia desejar. Por fim, era tudo seu, um facto pelo qual se sentia grato todos os dias, desde a nevosa noite de Natal em que Ari entrara nas suas vidas.

Explicara cuidadosamente a Ginger as alterações que a sua vida sofreria, a necessidade de ter todo o cuidado em cada aspeto da sua vida quotidiana. Temia que Ginger se sentisse aprisionada, que uma existência tão isolada a cansasse, mas já devia saber que a sua esposa — como ele — faria qualquer coisa para proteger a filha.

Na noite em que Ari fora deixada à sua porta formara-se um laço inquebrantável. Fora inexplicável e instantâneo, como se ela sempre tivesse estado destinada a pertencer-lhes. E esse laço tornara-se cada vez mais forte, a ponto de não se conseguirem lembrar das suas vidas antes de Ari fazer parte da família.

A primeira coisa que Gavin fizera, quando dera início aos preparativos do seu regresso aos Estados Unidos, fora vender calmamente a casa em Connecticut porque não queria deixar qualquer rasto do seu passado antes de Ari. Não queria manter em aberto a possibilidade de a mãe de Ari aparecer na mesma casa onde deixara a bebé, reclamando-a de volta.

Trabalhara de maneira sistemática, durante os meses em que tinham estado fora do país, para os retirar do olhar do público. Vendera vários dos seus negócios e investira os lucros de modo a garantir que a sua família estaria sempre garantida.

Comprara uma casa enorme, utilizando para o efeito uma empresa fantasma cuja ligação a ele era impossível de estabelecer e assegurou-se de que a segurança era impenetrável. E, depois, trabalhou para a transformar na casa de sonho de Ginger. Um local que ela adorasse e onde não se importasse de estar confinada durante tanto tempo.

Rindo, Ginger disse-lhe que tinha tudo o que alguma vez desejara. Um marido que amava e uma filha que adorava. Não havia sacrifício grande demais para ela, se significasse manter a sua família.

Ver Ginger tão feliz durante aqueles últimos meses dera a Gavin uma sensação de propósito que nunca antes sentira. Depois de tanta tristeza e perda, a mulher que ele amava cintilava de vida, amor e riso.

Todos os dias se deliciava com a descoberta de algo novo sobre a maternidade e a sua preciosa menina.

Gavin sabia, do fundo do coração, que não havia nada que não estivesse disposto a fazer para as proteger a ambas. Não havia preço demasiado elevado. Não, não fizera as coisas às claras ou de acordo com a lei. Deveria ter notificado a polícia e os serviços sociais. E procurado a adoção pelos canais adequados.

Contudo, bastara olhar para os olhos da esposa enquanto esta fitava aquela bebé minúscula para saber que jamais poderia arriscar-se a perder a filha, fazendo as coisas da maneira «certa». Podia viver com a sua consciência e até com a eterna condenação da sua alma, desde que Ginger estivesse feliz. Preferia enfrentar o fogo do inferno e o próprio diabo a ser a causa da perda do brilho dos seus olhos.

Ela olhava para ele como se fosse um herói — o herói *dela* — quando, na verdade, ele violara tantas leis que o esperavam ominosamente vários anos de prisão caso alguma vez se descobrisse tudo o que tinha feito. E tinha garantido que Ginger não era tocada, de modo algum, pelas decisões que tomara. Que, se alguma vez se descobrisse o que tinha feito, Ginger — e Ari — permaneceriam em liberdade.

Ginger entrelaçou os seus dedos nos dele, apertando-os ansiosamente enquanto ajustava o marsúpio de tecido que segurava Ari de frente para si, aninhada contra o peito da mãe. Desembarcaram do pequeno jato, tendo Gavin o cuidado de garantir que ela não tropeçava nem caía enquanto corriam para o carro que os esperava.

Quando deslizaram para o banco de trás, ela virou-se para olhar para ele, a testa franzida com a tensão.

— Não sei porque é que estou tão nervosa — disse Ginger, com a voz trémula e apoloética. — Eu confio em ti, Gavin. Por favor, não penses que não confio. Acontece apenas que durante os últimos cinco meses parecemos ter vivido a um mundo de distância da realidade. Como se tivéssemos a nossa pequena bolha no interior da qual o tempo parou e não existia mais ninguém além de nós. E, agora que temos de regressar ao mundo real, estou tão assustada. Receio que tudo isto não tenha passado de um sonho e que, ao acordar amanhã, a Ari já cá não esteja.

Gavin rodeou-lhe os ombros e puxou-a e a Ari para um abraço. Tocou ao de leve o cimo da cabeça dela com os lábios. Odiava o facto de ela ter medo, de temer o desconhecido, mas compreendia-a. Sabia que era impossível acalmar por completo os medos dela, ou os seus, já agora.

A sua vida seria uma vida de constante preocupação com a possibilidade de serem descobertos. De verem a filha a ser-lhes arrancada. Talvez à medida que o tempo fosse passando, os seus receios fossem diminuindo, mas naquele momento, quando regressavam para retomar as suas vidas tal como as tinham levado antes, estavam ambos compreensivelmente temerosos do pior.

— Nunca permitirei que isso aconteça — disse Gavin em tom grave.

Olhou de relance pela janela do veículo não identificado que os fora buscar ao aeródromo privado.

— Serás feliz aqui? — perguntou a Ginger, dando voz a apenas um dos seus muitos receios. A felicidade da sua esposa suplantava qualquer outra prioridade na sua vida.

Tinha reduzido os seus muitos empreendimentos de negócios a apenas uma empresa petrolífera, sediada em Houston, Texas. Tratava-se de uma cidade com a qual estava familiarizado. Na sua vida passada, tivera «negócios» com Franklin Devereaux e planeara até renovar o contacto, porque Franklin ainda estava envolvido no tipo de vida que Gavin levava antes, e podia ser útil para ajudar Gavin na sua busca pelo anonimato total e na criação de uma vida completamente nova.

Tratava-se de uma decisão com a qual se debatera porque, ao contactar Franklin, arriscava-se a abrir uma brecha na segurança que tanto se esforçara por estabelecer. Mas Franklin dispunha de ligações que Gavin já não tinha, por isso, no final, decidiu que deveria correr esse risco. Mesmo que considerasse Franklin um tolo por arriscar os seus maiores tesouros.

Franklin tinha aquilo que Gavin — e Ginger — tanto desejavam. Ou melhor, tanto tinham desejado, no *passado*. Uma família. Mas agora, Gavin já não sentia inveja quando pensava nos Devereaux. Por causa de Ari e do facto de ela os completar, a ele e a Ginger, de ter solidificado a sua relação e de ter transformado um casal numa família.

Ari acordou do seu sono, aninhada contra o peito da mãe e ergueu a cabeça, oferecendo ao pai um sorriso desdentado que nunca deixava de fazer o seu coração dar mortais.

— Ora, olá, pequenina — disse Ginger, estendendo o dedo para que Ari o pudesse apertar com a sua mãozinha.

Como sempre, tudo o que tocava a mão de Ari ia diretamente para a sua boca, e ela sorriu e gorgolejou enquanto mordia o dedo da mãe.

— Quanto tempo falta para chegarmos? — perguntou Ginger. — Ela precisa de mudar a fralda e vai ficar com fome, agora que acordou.

— Dez minutos, no máximo — garantiu-lhe Gavin.

— Ela ficará bem até lá — disse Ginger, sorrindo e arrulhando coisas sem sentido para Ari.

Depois olhou de relance para Gavin, os olhos cheios de amor e carinho.

— Somos mesmo uma família — sussurrou em admiração. — Isto é *real*.

Gavin sorriu e inclinou-se na sua direção para beijar os caracóis que começavam a nascer na cabeça de Ari, inalando o seu doce perfume de bebê. Depois apoderou-se dos lábios da esposa e beijou-a profundamente, saboreando aquele momento privado com a esposa e a filha.

— Sim, querida. Esta é a nossa vida, agora, e é real. Nunca ninguém no-la roubará.

Fora uma jura calma, mas ainda assim determinada. Nada nem ninguém lhe tiraria o que lhe pertencia. E ele protegeria sempre a esposa e a filha das duras realidades da vida. Custasse o que custasse.

Três

QUATRO MESES DEPOIS...

O carro de Gavin parou com os pneus a chiar à frente de sua casa e este deixou o *Mercedes* blindado antes mesmo de o seu motorista ter parado por completo. Tinha a arma na mão, o coração a martelar a um ritmo violento na sua cabeça. Ginger estava histérica. Tinha-lhe dito que regressasse de imediato a casa, que havia algo de errado.

Precisou de recorrer a todo o seu autocontrolo para não derrubar a porta e entrar de rompante em casa, aniquilando a ameaça que se apresentava à sua esposa e à sua filha. Em vez disso, aproximou-se da porta pelo lado e rodou a maçaneta, permitindo que a porta se abrisse e lhe oferecesse uma imagem desimpedida da sala de estar.

Ginger andava de um lado para o outro na sala de estar, a ansiedade a irradiar dela como a luz de um farol. Como se tivesse sentido a sua presença, o olhar dela voou para a porta e ela chamou:

— Gav? És tu? Chegaste a casa?

Gavin relaxou, o terror diminuindo lentamente. Conseguiu estender uma mão trémula para afastar os homens que compunham a sua segurança pessoal e que tinham convergido para o local, mal Gavin os chamara. Até o motorista estava atrás de Gavin, de arma em riste.

Sem pressa, Gavin guardou a arma no coldre que trazia ao ombro e ergueu-se lentamente, na esperança de não se humilhar e cair de rosto no chão, nos degraus da sua própria casa.

Nunca sentira tanto medo como durante os últimos 15 minutos, depois de a voz aterrorizada da esposa lhe ter suplicado que regressasse a casa.

Gavin não deixava muitas vezes a esposa e a filha. Uma vez por semana, contudo, afastava-se de ambas, ficando um verdadeiro exército a proteger a propriedade, e dirigia-se à baixa de Houston para tratar de negócios ou de assuntos que requeressem a sua atenção. Depois daquele dia perguntava-se se seria capaz de voltar a deixar Ginger e Ari.

A porta abriu-se ainda mais e Ginger surgiu à sua frente, os olhos muito abertos de medo, o rosto pálido e todo o corpo a tremer. Ainda que estivesse bem, a segurança de Ari continuava a suscitar dúvidas; e se a sua filha estava bem, que raio teria assustado a esposa daquela maneira?

— Gavin, tens de entrar!

Depois viu os homens em posição atrás de Gavin e este apercebeu-se de que ela estava a processar tudo aquilo por que ele tinha passado. No entanto, o rosto dela não se tornou mais suave, num pedido de desculpas, ou em sinal de arrependimento. A mão fria dela deslizou sobre a dele e puxou-o para dentro fechando rapidamente a porta, isolando-o dos seus seguranças.

— Alguma coisa ou alguém esteve no quarto da Ari — disse Ginger, a respiração presa enquanto corria pelas escadas, arrastando Gavin consigo.

Ele ficou rígido e voltou a sacar a arma.

— Já não está lá ninguém — disse Ginger num sussurro. — Ela está a dormir. Guarda a arma!

Relutantemente, Gavin voltou a guardar a arma no coldre e mal entraram no quarto de Ari e lhe foi possível ver aquele rabo fofo envolto numa fralda, espetado no ar com os joelhos puxados para debaixo do peito, e o polegar dentro da boca, voltou a ser capaz de respirar.

— Que raio se está a passar, Ginger? — perguntou Gavin, num tom mordaz.

Ginger estremeceu e pareceu surpreendida com a raiva dele.

— Tiraste-me 15 anos de vida. *Nunca* mais voltas a fazer isto.

— Mas esteve alguém no quarto dela — silvou Ginger. — Não estou louca, Gav. Das primeiras vezes, ainda pensei que fosse esquecimento. Que não me lembrasse de ter deixado os dois peluches no berço dela. Mas depois comecei a prestar uma atenção meticulosa ao sítio onde os deixava quando a vinha deitar para dormir a sesta ou passar a noite.

Gavin franziu o sobrolho, porque Ginger não era descuidada nem deixaria no berço da filha algo que a pudesse sufocar. Nem por um minuto acreditava que ela se tivesse esquecido do que quer que fosse.

Ginger aproximou-se do berço e levou o punho à boca para silenciar um grito. Ergueu uma mão trêmula e apontou.

— Gavin, eu tirei-os do berço há um quarto de hora. Quando te telefonei. Pousei-os em cima da cómoda. E agora estão de volta. Alguém *anda a entrar aqui*.

Gavin puxou Ginger para os seus braços e depositou um beijo na sua testa.

— Chiu, querida. Vou tratar já disso. É muito fácil, na verdade. A partir de agora, o berço dela ficará no nosso quarto e não no quarto anexo e, quando ela quiser dormir a sesta, coloca-a na alcofa e assegura-te de que está sempre onde tu estiveres. Chegaremos ao fundo da questão. Posso ir ver as imagens das câmaras de segurança, porque se alguém aqui estiver descobri-lo-ei.

Gavin continuava a olhar fixamente para as imagens do quarto da filha sem saber ao certo que estava a ver. Não era *possível*. E, no entanto, tinha provas tangíveis que lhe diziam o contrário. Não estava *ninguém* no quarto da filha mas havia *algo*.

Por muitas vezes que revisse as imagens, estas permaneciam iguais. Os dois lulus, como Ginger chamava aos bonecos preferidos da filha — e única recordação de como Ari entrara nas suas vidas, um tributo secreto à mulher que deixara a filha à porta deles — moviam-se de onde quer que Ginger os deixasse e flutuavam pelo quarto antes de caírem no berço de Ari.

A lógica era algo que fazia parte de Gavin. Simplesmente não conseguia compreender algo tão... *ilógico*.

E imediatamente por trás da constatação de que a lógica não iria prevalecer, estava um receio que o gelava até aos ossos. Haveria algo maléfico a rondar a sua filha? Nunca acreditara em espíritos ou fantasmas. Não se adequavam à sua imagem do mundo, lógica e bem organizada. Mas *alguma coisa* estava a fazer aqueles bonecos flutuarem pelo quarto e aterram no berço da filha.

Que raio deveria dizer a Ginger para não a matar com o susto? Estava disposto a viajar até aos confins da terra para proteger a sua esposa e a sua filha. Se a pudesse proteger de um qualquer medo, de uma qualquer dor, fá-lo-ia, diabos, e não sofreria remorso algum.

Deu a ordem, silenciosamente, ao seu chefe de segurança para mudar o berço de Ari para o seu quarto e de Ginger, mas com instruções para que deixasse tudo o resto no quarto do bebé.

MANHÃ SEGUINTE

Gavin foi acordado do seu sono mal ouviu a exclamação sobressaltada de Ginger. Saltou rapidamente da cama e correu para onde Ginger se encontrava, junto ao berço de Ari, com uma expressão confusa no rosto.

Os dois lulus encontravam-se no berço com Ari e ela estava acordada, com um deles apertado nas mãozinhas gorduchas, enquanto lhe roía uma orelha. Sorriu para os pais, abanando as pernas e dando pontapés no ar, como que para lhes dizer que estava bem acordada e pronta para sair do berço.

O olhar de Gavin voou para a porta do quarto deles, uma porta que ele, antes de se deitarem, se assegurara de que estava não só fechada como também *trancada*. Encontrava-se agora escancarada e os dois lulus que tinham sido deixados para trás, no quarto do bebé, estavam no berço de Ari, para óbvio prazer desta.

Soube, nesse momento, que não podia esconder de Ginger as imagens de videovigilância. Havia ali algo muito *errado*.

Ginger estendeu os braços para pegar em Ari, levando o lulu a cair das mãos da filha. A perda suscitou um grito de desagrado imediato que só cessou quando Ginger pegou no peluche e permitiu que Ari o segurasse.

Havia lágrimas de verdadeiro medo nos olhos da esposa, quando ela virou para Gavin o seu rosto suplicante. Pedia-lhe, sem palavras, que resolvesse tudo. Que fizesse desaparecer o que quer que fosse que estava a acontecer. Gavin sentiu-se devastado, porque se sentia completamente perdido, sem a mínima ideia do *que* fazer.

Nunca tinha falhado em dar à esposa ou à filha *tudo* o que precisavam ou queriam. O seu único objetivo de vida era proteger a sua família, garantindo segurança, felicidade e bem-estar. E, no entanto, não tinha qualquer resposta para o inexplicável.

— Dá-lhe de comer e muda-lhe a fralda, depois vem ter comigo à sala de videovigilância — disse Gavin em voz baixa, mantendo a calma e o controlo de modo a que Ari não se apercebesse da sua ansiedade ou da de Ginger.

— O que é que se passa, Gav? — sussurrou Ginger.

— Não sei — disse ele com sinceridade. — Mas tenciono descobrir. Cuida da Ari e depois trataremos disto.

Ginger abandonou silenciosamente o quarto, mas a tensão emanava dela numa onda quase tangível. Odiava que ela estivesse assustada. Raios, *ele* estava assustado. Nada na sua vida o tinha preparado para algo assim. Como é que se podia defender do indefensável?

Ele não era um homem espiritual, mas naquele momento deu por si a sussurrar uma oração a Deus, para que afastasse o espírito maligno que invadira a sua casa.

Gavin dirigiu-se à porta depois de Ginger ter desaparecido pelas escadas, descendo em direção à cozinha onde alimentava Ari. Cuidadosamente, analisou a fechadura, procurando por quaisquer sinais de que fora forçada. O seu olhar perspicaz não detetou nenhum. Não havia riscos, nada que adulterasse a pintura, o ferrolho ou a maçaneta em si. Como raios fora a porta aberta e os bonecos de peluche trazidos para o berço da filha, sem que ele dissesse se apercebesse?

Ele tinha o sono leve. Sempre tivera. Mas desde que Ari entrara nas suas vidas, o seu sono tornara-se ainda mais leve, esforçando-se por ouvir qualquer som, qualquer choro, qualquer sinal de que havia algo de errado. E, no entanto, dormira a noite toda, os braços a envolver firmemente a esposa, enquanto Ari dormia no berço a poucos passos da cama. Colocara propositadamente o berço na parede mais distante, de modo a que a sua cama e de Ginger ficasse entre o berço e a porta.

Abanando a cabeça, desceu as escadas e viu Ari na sua cadeira alta, emitindo sons animados e agarrada a um dos lulus, enquanto Ginger

lhe preparava um biberão. Depositou um beijo nos caracóis sedosos do cimo da cabeça de Ari e foi recompensado com um sorriso que nunca deixava de lhe derreter as entranhas até estas se transformarem numa poça de lava quente.

Como tinham sido as suas vidas antes da chegada de Ari, numa altura em que pensaram que ter uma criança era algo que jamais lhes seria possível? Não se conseguia lembrar. Ele e Ginger tinham sido felizes. Ele tinha a mulher que amava mais do que a própria vida e julgara-se completo.

Até surgir Ari.

Ari era um verdadeiro presente dos anjos. Tinha-o transformado num crente no espírito do Natal, no ato de dar. E, com a sua chegada, Ginger deixou de se sentir infeliz. Deixou de temer que Gavin a trocasse por uma mulher que lhe pudesse dar algo que ele nem sequer queria se não fosse Ginger a dar-lhe.

Ginger acabou de preparar o biberão de Ari mas pousou-o na bancada, quando Gavin a envolveu com os seus braços e beijou. Nunca se fartaria dos beijos dela. Estes nunca perderiam a sua capacidade mágica de o levar a esquecer-se de si e do mundo à sua volta.

Ari, obviamente impaciente, deixou cair o lulu e bateu no tabuleiro da cadeira alta, dizendo «Mama-mama!» Solicitando, claramente, a atenção da mãe.

Ginger riu baixinho, libertando-se do beijo de Gavin.

— Acho que a nossa filha tem fome. Vou-lhe dar de comer na sala de videovigilância. Disseste que tinhas algo para me mostrar?

Ele odiava o medo que ouvia na voz dela, bem como as suas tentativas para o ignorar e fazer de conta que não estava preocupada, quando ele sabia muito bem que estava.

— Gavin! — disse ela, num sussurro embargado. — Olha!

Para espanto de ambos, o biberão completamente preparado ergueu-se simplesmente no ar e flutuou calmamente pela cozinha em direção às mãos abertas de Ari.

Nenhum deles se mexeu. Nenhum deles respirou. Limitaram-se a olhar incrédulos enquanto Ari agarrava o biberão com as duas mãos, tentando incliná-lo o suficiente para conseguir chupar a tetina.

— Isto *aconteceu* mesmo? — sussurrou Ginger, todo o seu corpo a tremer contra o de Gavin.

Ele estava de tal maneira abalado que não podia — não conseguia — formular uma resposta. Primeiro os peluches que tinham conseguido chegar junto de Ari apesar da porta trancada. E agora isto?

Pela primeira vez, começou a suspeitar que era *Ari* quem estava a provocar aquela coisa. Mas ela era uma criança — um bebé! A simples ideia de que tivesse a capacidade para mover as coisas que queria para junto de si era estonteante.

Acordando de súbito, Ginger correu para a cadeira alta, onde deixava sempre Ari enquanto lhe preparava o biberão, e libertou este suavemente das mãos da filha. Esta emitiu um som de desagrado e, para maior choque de Gavin, Ginger pareceu envolver-se numa luta com o biberão que tentava escapar das suas mãos.

Gavin correu imediatamente para junto dela e afastou o tabuleiro antes de pegar em Ari numa tentativa para a acalmar. Mal Ginger lhe passou o biberão, Ari acalmou-se e começou a mamar, satisfeita, aninhada nos braços do pai.

Ele ergueu os olhos para Ginger, que estava mortalmente pálida, o medo evidente nos seus olhos enormes.

— O que é que se está a passar, Gav? — perguntou ansiosamente. — Será possível que tenha sido *ela* a mover os peluches? Não podemos refutar o que acabámos de ver, por ilógico que possa parecer. Não o imaginámos ambos. Como poderíamos?

Gavin envolveu a esposa com o braço livre, puxando-a para si, de modo a que tanto a filha como a esposa estivessem ao seu lado.

— Parece que a nossa filha tem capacidades únicas — murmurou.

— O que é que vamos fazer? — perguntou Ginger, o desespero invadindo-lhe a voz. — A última coisa de que precisamos é de que alguém descubra. E se os pais biológicos dela avançarem mal seja revelado que ela tem...?

Ela fechou os olhos por um instante e encostou a cabeça ao peito de Gavin, bem perto da testa de Ari.

— O que é que ela tem, Gavin? Não compreendo, muito menos sei como se chama a capacidade que ela parece ter.

— Todos os sinais indicam telecinesia, mas ela é tão jovem, apenas uma bebé. Esta pode muito bem ser apenas a ponta das suas capacidades. Temos de nos preparar para tudo. É mais importante do que nunca que não a exponhamos aos olhos do público. Não poderá ir para a escola. Pelo menos enquanto não conseguirmos determinar o alcance dos seus poderes e enquanto ela não aprender a controlá-los.

— Não era essa a vida que eu queria para ela — disse Ginger, destroçada.

Gavin sentiu o calor das suas lágrimas a ensoparem a sua fina t-shirt e um aperto no peito. Abraçou-a com força e beijou-lhe o cimo da cabeça.

— Ela terá uma boa vida — garantiu. Era uma promessa. Uma promessa que tencionava cumprir. — Poderá não ser capaz de fazer todas as coisas que as crianças normais da idade dela fazem, mas vai divertir-se e ter uma vida preenchida. Assegurar-nos-emos disso. Quando for suficientemente crescida para compreender as consequências de usar os seus poderes, saberá que nunca poderá fazer nada que chame a atenção.

Ginger afastou-se; o seu sorriso era trémulo, mas ainda assim era um sorriso.

— Sempre soube que ela era especial. Um presente de Deus, quando eu mais precisava. Talvez fosse este o nosso destino. Temos os meios para a proteger, para garantir que tem uma educação e para lhe oferecer a orientação necessária e as ferramentas de que precisará ao crescer.

Ela hesitou por um momento, mordendo o lábio, consternada.

— Suponho que o meu maior receio, desde que ela apareceu nas nossas vidas, era que um dia alguém viesse à procura dela e a quisesse de volta.

Gavin retirou o biberão das mãos de Ari e içou-a até ao ombro para a pôr a arrotar. Olhou para Ginger, olhos nos olhos, porque queria que ela soubesse que acreditava em todas as palavras que estava prestes a dizer.

— *Nunca* permitirei que nada nem ninguém nos leve a nossa filha. Para a maior parte do mundo, desaparecemos completamente do mapa. Fiz saber que nos mudámos para a Europa e que lá continuamos a residir. É impossível estabelecerem qualquer ligação entre mim e esta casa. Os negócios que aqui tenho são detidos por uma mão-cheia de empresas fantasma minhas. Seria necessário escavar muito, vasculhar por muita

papelada e juntar uma boa dose de sorte para me ligarem a qualquer coisa nos Estados Unidos.

— Não duvido de ti, Gav. Por favor, não penses que duvido ou que não tenho fé em ti. Mas acho que sempre vivi com medo de que ela me fosse tirada. Talvez com o tempo esse receio diminua. Talvez um dia eu consiga relaxar verdadeiramente, mas o meu lado maternal sabe que me preocuparei sempre com a minha menina, por muito velha que seja.

Gavin foi absolutamente sincero na sua resposta.

— Tu e eu, querida.

Desta vez não ficaram surpreendidos quando o lulu de Ari flutuou no ar, erguendo-se do local onde tinha sido largado e pairando mesmo por cima de Ari. Gavin agarrou-o no ar e virou Ari para que esta pudesse agarrar no peluche.

— Parece que ela já está pronta para uma sesta — disse Ginger, em tom brincalhão. — Suponho que não valha a pena tentar afastar os lulus dela.

A expressão e o tom de Gavin encheram-se de ironia, ao imaginar os anos futuros.

— Parece-me, minha querida, que tu e eu temos pela frente uma bela aventura para criar a nossa filha.

Quatro

VINTE E QUATRO ANOS DEPOIS...

Arial Rochester suspirou ao atravessar o portão da escola privada onde ensinava inglês, sentindo aquele toque de tristeza que sempre acompanhara o final do ano escolar.

No entanto, afastou com um encolher de ombros a melancolia momentânea, pois em breve estaria com os pais, e passaria o verão com eles, num qualquer destino que o pai tivesse escolhido para surpreender a mãe.

Sorriu, enquanto os seus pensamentos viajavam até aos seus pais. Tão apaixonados, mesmo depois de tantos anos de casamento. O pai era ferozmente protetor da mãe e, por sua vez, tanto a mãe como o pai eram ferozmente protetores *dela*.

E com boas razões.

Nunca contes a ninguém. Não deixes que ninguém descubra. Nunca uses os teus poderes.

Era um mantra que o pai instilara nela desde que tinha idade suficiente para se lembrar. Tinha crescido muito abrigada, protegida e extremamente isolada. E por boas razões.

Os pais tinham feito os possíveis por lhe dar um *certo* sentido de normalidade, mas isso não era possível porque Ari *não era* normal. Era uma aberração da natureza. Algo saído de um filme de ficção científica fatela. As pessoas como ela não existiam. Só que... ela *existia*. E não havia qualquer explicação lógica.

O pai era a epítome da lógica. Tinha uma mente brilhante, analítica e até *ele* parecia confuso com as capacidades de Ari. O seu maior receio

sempre fora... a descoberta. Que Ari fosse, de alguma maneira, descoberta e retirada aos seus pais ou exposta ao perigo por causa de pessoas que procurassem apoderar-se dos seus poderes e usá-los só Deus sabe para quê. Por isso, contrataram tutores que a ensinavam em casa. Não ia a lado nenhum sem uma equipa de seguranças.

Mas agora, já adulta, licenciada com distinção numa pequena faculdade privada, abandonara a bolha protetora que o pai criara à sua volta tantos anos antes.

Ele não gostara. Nem a mãe dela. Mas compreendiam, graças a Deus. Tudo o que o pai lhe pedira fora que nunca desse a ninguém razões para acreditar que era diferente de qualquer outra jovem.

Tratava-se de uma promessa que não tinha qualquer problema em fazer porque normalidade era precisamente aquilo que queria — que *desejava*. Não queria ser «aquela aberração». Os pais tinham-na criado em constante receio de que fosse descoberta, pelo menos até ter idade suficiente para compreender que nunca poderia usar os seus poderes e expor-se perante o resto do mundo. Só então tinham relaxado um pouco e deixado de viver no constante terror de que Ari revelasse, por engano, tudo o que era capaz de fazer.

Os pais tinham feito grandes sacrifícios por ela. Toda a vida deles girava em torno da sua proteção. Era um facto que Ari lamentava com todo o seu coração. O facto de, por causa dela, nenhum deles ter sido capaz de levar uma vida normal.

Procurou as chaves na mala, enquanto avançava a passos largos pelo passeio da movimentada rua onde se situava a escola. O grande edifício de tijolo estava rodeado por uma vedação de ferro forjado, com um portão que se fechava imediatamente após o início das aulas e se abria apenas alguns minutos antes da hora de saída. O parque de estacionamento dos professores ficava a meio quarteirão de distância do portão e, tendo em conta o espaço vazio, ela era a última professora a sair.

Precisamente quando estava prestes a abandonar o passeio e a atravessar o parque de estacionamento até ao local onde deixara o carro, foi rudemente empurrada para o chão, arranhando os joelhos e as palmas das mãos no piso de cimento quando as usou para aparar a queda.

Uma onda de choque percorreu-lhe a coluna, enquanto tentava compreender o que raio tinha acontecido!

— Minha cabra de merda! Achas que te vais safar depois de *me* teres chumbado? Se não fosses tu ia para a faculdade no outono. Fazes ideia do que os meus pais vão fazer quando virem as minhas notas finais?

Ari reconheceu a voz como pertencendo a um dos seus alunos. Derek Cambridge. Vinha de uma família rica e achava que os seus direitos não tinham limites. Era arrogante e egoísta, mas ela jamais imaginara que a *atacaria* por causa da nota que lhe dera na sua disciplina.

Fizera tudo o que podia para o tentar ajudar. Não queria que ele chumbasse, mas ele resistira a todos os seus esforços, presumindo, na sua arrogância, que ela o aprovaria independentemente do seu esforço — ou falta dele. Talvez achasse que a riqueza e posição social dos pais lhe permitiriam deslizar sem preocupações pela escola e pela vida.

Quando ergueu os olhos, o seu sangue gelou, porque ele não estava sozinho. Dois rapazes, que presumiu serem amigos dele, acompanhavam-no e pareciam tão furiosos quanto Derek. Estariam loucos? Atacar uma mulher em plena luz do dia, numa rua movimentada, à frente de uma escola?

Olhou desesperadamente à sua volta, procurando quem a pudesse ajudar.

Um pontapé nas costelas fê-la cair para trás, com a mala presa por baixo das costas, enquanto arquejava, tentando respirar.

O que viu quando ergueu os olhos e enfrentou o olhar furioso de Derek Cambridge gelou-a até aos ossos.

Ele não pretendia apenas dar-lhe uma tarefa e libertar a tensão acumulada e a raiva. Ari viu a morte nos seus olhos. A morte *dela*. E os amigos dele não faziam qualquer movimento para intervir a seu favor. Ambos ostentavam sorrisos que pareciam indicar que acreditavam piamente que ela estava a receber precisamente aquilo que merecia.

Um brilho metálico cintilou sob a luz do sol. Uma faca.

Derek segurava-a com força na mão fechada, a lâmina virada para baixo e ela soube — ela *soube* — que ele a ia matar ali mesmo.

Embora os seus poderes estivessem há muito adormecidos, embora ela tivesse desenvolvido o hábito de os suprimir a qualquer custo,

os mesmos afluíram de rompante, ao mesmo tempo que o seu sentido de sobrevivência suplantava tudo o resto.

Era instintivo. Não teve de forçar a concentração. Uma cascata de pedras atingiu subitamente o seu atacante, fazendo-o recuar, uma mão cobrindo o rosto, num gesto protetor, enquanto a outra continuava a agarrar a faca.

O vento aumentou em rajadas ferozes que rivalizavam com uma tempestade tropical. Agora que havia espaço entre ela e o adolescente que empunhava a faca, analisou a área em busca de uma qualquer arma que pudesse usar contra ele.

Olhou de relance para cima, para uma árvore que delimitava uma parte do passeio. Um ramo pesado partiu-se, o estalo soando semelhante a um tiro, e foi lançado diretamente para o trio que a ameaçava.

— Que raio é que se está a passar, meu? — gritou um dos amigos de Derek.

Ari não reconheceu os outros dois miúdos. Sentia-se 99 por cento certa de que não estudavam ali, pois as turmas não eram tão grandes como nas escolas públicas, e ela conhecia bem os rostos e a maior parte dos nomes dos alunos que frequentavam a Grover Academy.

— Agarrem nessa cabra e segurem-na bem para que eu a possa esventrar como a grande porca que é — rosnou Derek.

Ela tinha causado alguns danos. O sangue pingava do nariz de Derek mas este não se dera ao trabalho de o limpar. Os seus olhos brilhavam loucamente e Ari compreendeu que, além de furioso com o chumbo que recebera, também estava completamente drogado só Deus sabe com quê.

Aquela porcaria estava prestes a tornar-se séria.

Levantou-se atabalhoadamente, aproveitando uma hesitação momentânea da parte deles. Precisava de margem de manobra. Precisava de ser capaz de ver que recursos tinha ao seu dispor.

Os canteiros de tijolo que contornavam a frente da escola, onde cresciam sebes cuidadosamente aparadas, começaram a abanar e a tremer, como se estivesse a ocorrer um terramoto. Os rapazes também o sentiram, porque a inquietação se espalhou rapidamente pelos rostos dos dois amigos. Derek estava demasiado alterado pela droga que usara

para reparar em qualquer outra coisa além da sua determinação em obrigá-la a pagar.

Os tijolos soltaram-se, saindo, caindo um a um da sua formação organizada. E depois um deles voou pelo ar, atingindo Derek na nuca.

Este caiu como uma pedra, a faca deslizando-lhe da mão e tombando ruidosamente ao chão.

Os dois amigos observaram, estupefactos, enquanto mais tijolos pairavam no ar, girando e mudando de direção, quando os rapazes recuaram vários passos.

— Merda! — exclamou um deles. — Ela é uma bruxa, caraças. Aposto que é uma adoradora do diabo!

Agora que a faca se encontrava no chão, a menos de meio metro do local onde Derek tinha caído, ela invocou-a. O objeto flutuou sem esforço até junto de Ari e ela abriu a mão, deixando que o punho lhe tocasse suavemente na palma da mão.

— Afastem-se de mim — silvou ela.

Naquele momento não queria saber o que é que pensavam dela. Se o facto de acreditarem que era o diabo em pessoa a ajudava, então que acreditassem.

Os tijolos voaram na direção deles, parando a poucos centímetros das suas cabeças. Eles já tinham as mãos erguidas, para protegerem os rostos, os olhos fechados, e encolhiam-se, prontos para o impacto. Como nada acontecera, abriram cuidadosamente os olhos e o pânico espalhou-se como um fogo descontrolado pelos seus rostos.

Quando recuaram apressadamente vários passos, os tijolos voltaram a voar na direção deles. Tendo claramente decidido abandonar o «amigo» ao seu destino, deram meia-volta e correram como se tivessem os cães do inferno a morder-lhes os calcanhares.

Os tijolos caíram no chão, o canto de um deles partiu-se. Ari deixou-se ficar onde estava, a tremer no rescaldo daquele confronto com a morte.

E depois apercebeu-se de que acabara de fazer o impensável. O facto de *ter* de agir para salvar a vida era irrelevante, ela acabara de usar a telecinesia diante de três testemunhas. No entanto, as testemunhas não eram o que mais a preocupava. Caso abordassem a polícia com aquela

história de loucos, o mais certo era que fossem corridos da esquadra pelas gargalhadas dos agentes. No entanto, o parque de estacionamento, tal como a escola e todos os seus terrenos, eram monitorizados por câmaras de videovigilância.

Haveria provas tangíveis dos seus poderes inexplicáveis.

Começou a tremer violentamente, a faca caiu-lhe da mão, emitindo um som metálico enquanto deslizava pelo chão irregular. Não prestando atenção aos joelhos e às palmas das mãos ensanguentados, nem à dor que sentia no flanco devido ao violento pontapé, abriu a mala com gestos secos, procurando desesperadamente o telefone.

Foram precisas três tentativas até conseguir tocar no botão certo para selecionar o número do pai e fazer a chamada.

— Ari — saudou o pai, num tom afetuoso. — Como foi o teu último dia de aulas?

— P-p-pai — gaguejou. — Estou em apuros.

O tom do pai mudou de imediato. Podia sentir a tensão a vibrar através do telefone, como se estivesse mesmo à frente dele. Também conseguia imaginar sem problemas a rapidez com que ele passara de pensar que se tratava de uma chamada casual para saber que a filha estava em perigo.

— Conta-me — disse rispidamente. — Estás bem? Estás ferida? Onde estás?

Ela inspirou fundo e relatou os acontecimentos de modo tão conciso quanto possível, sabendo que o tempo era fundamental. E depois ocorreu-lhe um pensamento terrível, porque Derek continuava inconsciente, deitado no chão à sua frente. Tê-lo-ia morto?

Segurando o telefone contra o ouvido com uma mão, dobrou-se, quase gemendo com o esforço necessário àquele pequeno gesto, e pressionou os dedos contra o pescoço dele, para sentir a pulsação. O alívio correu-lhe pelas veias, quando ela sentiu um pulsar forte e firme sob as pontas dos seus dedos.

— Vai para o carro. Tranca as portas. Estarei aí dentro de cinco minutos — disse o pai, rispidamente. — Se alguém, não interessa *quem*, se aproximar de ti ou se te sentires de algum modo ameaçada, vai-te imediatamente embora.

— Está bem — sussurrou ela. — Mas pai, e o Derek? Devo chamar uma ambulância? Não o posso deixar ali. Mesmo que tenha sido em autodefesa, não o posso deixar *morrer*.

A voz do pai era implacável, o frio do aço envolvia as suas palavras.

— Faz o que te digo. Estarei aí dentro de cinco minutos e tratarei de tudo.

A chamada terminou e Ari rodou em todas as direções, tentando ver se alguém a estava a observar ou testemunhara o que acabara de acontecer. Felizmente para ela, Derek e os seus amigos tinham-se escondido atrás do muro de pedra que ligava o parque de estacionamento à vedação que rodeava o terreno da escola. Derek não era visível a quem quer que circulasse no passeio, mas Ari estava plenamente à vista.

O pai dela tinha razão. Precisava de se enfiar no carro antes que alguém a visse ali, a sangrar, e se aproximasse para investigar.

Embora Derek a tivesse tentado matar, a sensação de arrependimento pelo que tinha feito pesava sobre ela. Deixá-lo ali ia contra o seu código moral pessoal. E se ele tivesse sofrido um ferimento sério na cabeça? E se morresse por não ter sido rapidamente levado para o hospital? Independentemente do tipo de pessoa que era, não merecia morrer no parque de estacionamento, só e abandonado pelos seus amigos.

Confiante na capacidade do pai para resolver a situação, como garantia que faria, ligou, trémula, para o 112 e, depois, em voz baixa, identificou-se como professora da Grover Academy e relatou que um aluno se encontrava inconsciente no parque de estacionamento dos professores.

Precisamente quatro minutos depois, o *Escalade* do pai entrou a rugir no parque de estacionamento e parou abruptamente ao lado do carro de Ari. Antes mesmo que conseguisse abrir a porta, já ele tinha saído e contornado o carro em direção ao lugar do condutor.

Quando ela saiu e se mostrou incapaz de controlar um estremecimento, quando as suas costelas protestaram de dor, o rosto do pai tornou-se intempestivo. Os olhos dele pareciam de pedra, o maxilar estava cerrado e estremecia de agitação.

— Liguei para o 112 — disse ela em voz baixa, sabendo que o pai não se sentiria satisfeito com o facto de ela não ter seguido as suas instruções. — Não o podia deixar assim.

— O sacaninha tem sorte por ainda estar sem sentidos — disse o pai, friamente. — Estou capaz de o matar pelo que te fez. — Depois, pousou gentilmente uma mão no ombro dela e apertou-o num gesto reconfortante. — Estás bem? Tens dores?

— Estou dorida — admitiu. — Estou arranhada, mas o pontapé nas costelas é o que mais me incomoda.

O olhar do pai tornou-se glacial, mas refreou a reação que lhe queimava os lábios.

— Entra no teu carro e segue-me. Se ligaste para o 112, a ambulância está prestes a chegar e a polícia também, provavelmente. Quero-te bem longe daqui quando isso acontecer.

— Pai, a escola tem câmaras de videovigilância — disse ela, com a voz trémula.

Ele inclinou-se para a frente e beijou-lhe a testa.

— Já estou a tratar disso, querida. Agora mete-te no carro. Precisamos de ir já embora.

Ela suspirou de alívio. O pai trataria de tudo. Protegê-la-ia como sempre tinha protegido. Virou-se e voltou a entrar apressadamente para o lugar do condutor, ignorando os protestos do seu corpo. O mais certo era que tivessem apenas alguns minutos até que o pessoal médico e as autoridades convergissem para o parque de estacionamento.

Haveria perguntas. Ela tinha feito a chamada para o 112 e abandonado o local. A maior parte das pessoas teria ficado, prestado auxílio ou, pelo menos, garantido a segurança da vítima até à chegada de assistência médica. E ela teria de responder pelo facto de não o ter feito.

Mas tinha toda a fé no seu pai. Ele nunca lhe falhara.

Ela arrancou com um solavanco a carregar no acelerador para seguir o pai, que arrancava ruidosamente do parque de estacionamento.

O pai dela estabeleceu um ritmo determinado através do trânsito e ela percebeu que se dirigiam para casa — um dos muitos locais a que chamavam casa —, aquele onde permaneciam durante mais tempo durante o ano, enquanto ela lecionava e o pai geria os seus negócios.

Passaram pelo portão de segurança e este fechou-se rapidamente atrás deles. Mal ela parou na garagem, a mãe apareceu na entrada e correu a abrir a porta de Ari, tinha no rosto uma máscara de preocupação.

— Cuidado, querida — disse o pai à mãe, suavemente. — Ela está magoada.

— Oh, Ari, o que aconteceu, querida? Precisas de ir ao hospital? — Virou-se ansiosamente para o marido. — Não a devias ter levado diretamente para o hospital?

Gavin Rochester pousou uma mão reconfortante no ombro da esposa antes de se inclinar para ajudar Ari a sair do carro. Desta vez, Ari foi mais disciplinada e não deixou transparecer o seu desconforto, porque a mãe já estava à beira do pânico e Ari não queria aumentar as suas preocupações.

— Não havia tempo, Ginger. Há problemas com os quais temos de lidar rapidamente. Já liguei ao Dr. Winstead e ele vem a caminho. Se achar que a Ari precisa de ser hospitalizada ou que os seus ferimentos são sérios, fá-lo-emos discretamente na sua clínica particular, onde a privacidade e o anonimato podem ser garantidos.

Ginger envolveu carinhosamente a filha com o braço e Ari sentiu-a a tremer de medo e agitação. Em troca, passou o seu braço pela figura esguia da mãe e abraçou-a com tanta força quanto o desconforto que sentia nas costelas lhe permitia.

— Estou bem, mãe. Temos problemas mais sérios do que os meus ferimentos. Fiz asneira.

Enquanto falava, olhou apologeticamente para o pai, sentindo a invadir-lhe o coração o arrependimento por o ter dececionado.

A sua expressão tornou-se imediatamente feroz. Segurou-lhe o rosto entre as mãos, virando-o para longe da mãe e obrigando-a a olhar para ele.

— *Nunca* peças desculpa ou sintas que me dececionaste ou à tua mãe por teres feito *tudo* o que é preciso para te protegeres. Hoje, podias ter morrido, Ari. Se não tivesses feito o que fizeste, a tua mãe e eu estaríamos, neste momento, a planear o teu funeral. Esta é ocasião em que agradeço a Deus pelas tuas capacidades extraordinárias, e, pela primeira vez, acredito que há um verdadeiro propósito, uma razão maior, para o teu *dom*. Hoje, esse dom salvou a vida de alguém que me é muito querido.

As lágrimas acumularam-se nos olhos de Ari, perante a sinceridade que via nos do pai.

— Agora vamos para dentro — disse ele, empurrando-a cuidadosamente em direção à porta. — Preciso de fazer alguns telefonemas e o Dr. Winstead deve estar a chegar. Deixa que a tua mãe ande de roda de ti como está mortinha por fazer e não te preocupes com isto, querida. Prometo que vou tratar de tudo.

— Eu sei que vais, pai — disse, em voz baixa.

Abandonada à porta de um casal milionário e influente quando era apenas um bebé, Arial Rochester cresceu num mundo cheio de privilégios, sem qualquer ligação à sua família biológica ou ao seu passado.

Algo único diferenciava-a das pessoas que conhecia, e também a isolava: o poder psíquico que possuía e do qual ninguém, além dos pais adotivos, tinha conhecimento. Embora solitária, Arial tinha uma vida calma e feliz até os seus pais adotivos desaparecerem e Beau Devereaux entrar na sua vida.

Contratado por Arial, Beau é surpreendido pelo desejo avassalador que sente pela sua cliente. O que começa como um simples trabalho de segurança, rapidamente se transforma em algo pessoal, e Beau descobre que está disposto a tudo para a proteger. Mesmo que isso lhe custe a própria vida.

Salva-me tem um pulsar intenso que perpassa toda a história. Uma leitura arrebatadora e compulsiva.

«A escrita de Maya Banks é qualquer coisa indescritível!»

EXAMINER.COM

Leia também:



• SLOW BURN •

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8843-54-8



9 789898 843548

Romance Erótico